

Infidelidade conjugal: o que os olhos não veem o coração não sente¹

Infidelidad conyugal: lo que los ojos no ven el corazón no siente

Couples infidelity: what the eyes do not see the heart does not feel

Marcelo Coelho Niedersberg

“Perdoa-me por me traíres”.

Nelson Rodrigues

Resumo: O presente artigo procura compreender aspectos da infidelidade conjugal a partir da “evolução” do tratamento de um casal, que vem sendo estudado e observado por quatro terapeutas, a partir dos conceitos da psicanálise vincular, buscando identificar as possíveis implicações deste comportamento “infiel” no vínculo matrimonial deste par.

Palavras-chave: Infidelidade; casal e psicanálise vincular.

Resumen: En el presente artículo se busca entender los aspectos de la infidelidad conyugal a partir de la "evolución" del tratamiento de una pareja, que está siendo estudiada y observada por cuatro terapeutas, a partir de los conceptos de la psicoanálisis vincular, con el fin de identificar las posibles consecuencias de este comportamiento “infiel” en el vínculo matrimonial de este par.

Palabras-claves: Infidelidad; pareja y psicoanálisis vincular.

Abstract: The present article seeks to understand the aspects of infidelity observed in a couple. It is based on the “evolution” of their treatment, which has been studied and observed by four therapists, having as a starting point the concepts of linking psychoanalysis, bearing in mind the identify of possible consequences of the unfaithful behavior on the couple’s relationship.

Key words: Infidelity; couple relationship psychoanalysis.

¹ Trabalho elaborado como pré-requisito para o título de Especialista em Psicanálise Vincular (casal, família e grupos), orientado pela psicanalista Ariane Severo.

Introdução

O principal objetivo deste trabalho é o de apresentar algumas considerações acerca da temática da infidelidade, assim como sua influência na evolução do tratamento deste casal.

Para compreender as questões implícitas no presente assunto, dentro do referencial teórico da psicanálise vincular, apresentarei o histórico do casal estudado e uma discussão psicodinâmica a partir de vinhetas clínicas, bem como os achados teóricos considerados mais importantes para referendar este trabalho.

Realizei uma conceitualização de infidelidade, buscando autores vinculares que contribuíram para a definição deste fenômeno, com o objetivo de compreender por que e de que forma tal comportamento é percebido ao longo do tempo, assim como os sentimentos e as consequências geradas na relação de casal. Também foram utilizadas pesquisas realizadas sobre o assunto, para entender o porquê do comportamento ‘infiel’.

Desenvolvimento teórico

Fidelidade, segundo Zimerman (2012) em seu livro “*Etimologia dos termos psicanalíticos*”, vem do latim “*fidelitatis*”, que significa um bom caráter, a qualidade, a virtude de quem é fiel; palavra que, por sua vez, se origina do latim “*fidelis*”, que significa fé. Já a palavra infidelidade, que também provem do latim “*infidelitas*”, remete a falta de lealdade, da observação da falta de fé de um sujeito ao outro.

As relações extramatrimoniais são uma velha “contra-instituição”, tão velha quanto o matrimônio. Segundo Spivacow (2011), “a infidelidade está carregada de conotações morais, onde não existe vilão ou mocinho, mas em que ambos podem ser culpados, por violarem, com ou sem motivo, este pacto explícito de exclusividade que tem um significado singular e múltiplo” (p 162).

O mesmo autor defende que a infidelidade tem diferentes significados, podendo revelar uma aventura que tem pouco a ver com o companheiro, ou ainda que foi dedicada para provocar e promover interesse ou nojo, ou que até foi estimulada pelo cônjuge.

Artigos

A psicanalista Severo (2010) diz que “a monogamia já vem com a infidelidade embutida nela. E cada situação de infidelidade é única, particular e cumpre diferentes funções, podendo enriquecer a vida do casal e, em alguns casos, gerar ansiedade, distanciamento e alteridade não toleradas. A infidelidade se põe em manifesto de diversas maneiras, produzindo distintos efeitos, desde romper o vínculo, até armar uma nova forma de convivência” (p 93).

Tese defendida pela polêmica antropóloga Dorneles (2009), em seu livro, *A Amante Ideal*. Sugere que um(a) amante é muito mais eficiente para reavaliar um relacionamento do que um terapeuta conjugal. Para ela, relacionamentos extraconjugais podem ser o segredo da felicidade ou até sua salvação, pois muitos casamentos melhoram após uma grande crise, sobretudo pela reflexão provocada

Mas por que a infidelidade?

Na infidelidade conjugal ou no amor, em um grande número de vezes existe um “secreto conluio inconsciente” diz Zimmerman (2010), entre os protagonistas do triângulo amoroso, decorrentes de conflitos neuróticos (quase sempre edípicos) que se complementam entre o par de amantes.

Por complementaridade do conflito edípico, queremos significar que o lado de cada um dos adúlteros em cena, muito provavelmente, quando crianças sofreram o trauma de sentirem-se excluídos, quando os respectivos pais se amavam, a sós.

Este trauma de exclusão fica gravado na mente da criança, prolongando-se até a condição de adulto, acompanhado de um afã de preencher o vazio que ficou, além de um certo sabor de vingança que também ficou fixado nos porões da ‘triste’ memória de exclusão.

O autor afirma que esse (*triângulo edípico*) em que um dos três fica excluído, também pode ser uma das causas da infidelidade, ou seja, o(a) terceiro(a) que entra neste tripé desempenha um dos papéis próprios das vicissitudes que caracterizaram o tipo de vínculo que marcou o “teatro do psiquismo”, *com a peça* “quem fica com a posse do(a) genitor(a), e quem fica de fora? (Zimmerman, 2010, p. 71)”.

Artigos

Goldenberg² (2010), em seu livro mais recente, *Por que homens e mulheres traem?* diz que a traição só ganha status de problema quando vem à tona, e defende que a infidelidade destrói laços de confiança entre os casais. O que os olhos não veem o coração não sente, complementa a autora. Para ela, existem aqueles que se dizem poligâmicos por natureza, outros que consideram da natureza masculina trair. E os casos de pessoas que amam e traem porque buscam serem desejadas por outros. Buscam aventura, cumplicidade e intimidade, e dizem estar felizes no casamento.

E a infidelidade ocorre por quê? Segundo as pesquisas citadas, ocorre pela diminuição da sexualidade e, conseqüentemente, pela baixa do desejo sexual entre os casais. Como vemos, o desejo adquire papel decisivo no comportamento infiel, ou, pelo menos, serve como “justificativa” ou “desculpa” para estas atuações ou defesa.

Weid (2004) mostrou que seus entrevistados acabam colocando a responsabilidade de seus atos infiéis em outros fatores que não seus próprios desejos.

O desejo é uma fantasia, uma encenação no psiquismo da satisfação do desejo imperioso que, por vezes, não pode ser realizado ou saciado na realidade. A fantasia serve como uma função para substituir o desejo real, sendo uma figuração plástica de um desejo inconsciente.

Mas que importância tem o desejo e a fantasia nestas atuações? Penso que as fantasias eróticas surgem espontaneamente, e são inerentes ao ser humano e ao casal. E, neste sentido, podem enriquecer a vida a dois. Mas quando essas fantasias têm a ver com encontros clandestinos e atuações, servindo apenas para revitalizar o imaginário de cada um ou o vínculo.

A internet é um espaço privilegiado para a traição?

² A antropóloga realizou **1.279** entrevistas em sua pesquisa. Foram ouvidos homens e mulheres entre **18 e 40** anos, com nível universitário e renda familiar acima de R\$ 2 mil. **47%** das mulheres adúlteras disseram ter traído após a perda da intimidade com o parceiro. **60%** dos homens infiéis traíram por se sentirem incompreendidos pela mulher.

Artigos

Poderíamos iniciar com a seguinte pergunta: A internet interfere nos casamentos? Este é um questionamento comum e que, de certa forma, reflete as dúvidas que cercam a proximidade entre relações conjugais e internet. De certeza, apenas que as relações humanas sofrem influência constante das tecnologias atuais e a internet desempenha papel importante neste novo contexto dos casais. Por vezes torna-se uma nova via de comunicação entre os pares.

As relações conjugais passam por transformações constantes, principalmente pelo atravessamento cultural. Nossos modelos de relação (os pais enquanto casal) diferem em muitos aspectos do que vivemos nas relações com nossos pares, principalmente por essa interferência tecnológico-cultural.

Homens e mulheres compartilham assuntos pessoais, compartilham intimidade, e é nas redes sociais e por e-mail que buscam algo que não têm mais com os parceiros. Preferem à ilusão de intimidade, do que a falta de intimidade com o cônjuge. Segundo Goldberg (2010) é na falta de intimidade que se revela o sintoma dos casais.

Existe uma relação entre infidelidade e crise conjugal?

Em outra pesquisa sobre a temática da infidelidade, Von Der Weid (2004)³, afirma que a justificativa que mais apareceu em seus questionários de pesquisa, é que a infidelidade sempre surge em um momento de crise no relacionamento. As relações pós-modernas facilitam tais atuações, defendendo a ideia de que o casamento é uma instituição em crise.

Mas que crise é essa? Não seria uma crise de idealização? Severo (2010) defende a ideia que a “infidelidade se realiza com o intento de recuperar um vínculo baseado na idealização sem que se perca toda a segurança proveniente da cotidianidade e da estabilidade do vínculo matrimonial” (p 94).

Berenstein e Puget (1994) definem por cotidianidade um tipo de estabilidade baseada em uma unidade temporal espacial caracterizada por intercâmbios diários, um lugar simbólico do vínculo. Nesse sentido, “propõe aos egos, lugares vinculares e

³ Antropóloga da UFRJ.

Artigos

mentais e de certa forma fixos, como, por exemplo, os lugares ocupados por eles na relação e ou na casa. Para o espaço vincular, a cotidianidade é um organizador dos ritmos de encontros e não encontros do casal, suscetíveis de se transformarem em desencontros” (pp. 6 – 7).

O vínculo matrimonial é utilizado para situar esse tipo de relação diática dentro do modelo sócio-cultural prescrito para casais, incluindo a relação sexual (eles as tendo ou não).

O vínculo de aliança se sustenta em quatro parâmetros definitórios: cotidianidade, projeto vital compartilhado, relações sexuais e tendências monogâmicas.

Os modelos de sexualidade são classificados em um conjunto semiótico que abarca o permitido, o prescrito e o proibido, organizados pelos diferentes contextos culturais e históricos.

Berenstein e Puget (1994) usam o termo casal para designar uma estrutura vincular entre duas pessoas quando estabelecem o compromisso de fazer parte dela em toda sua amplitude, podendo cumpri-la ou não.

Seguem os autores: O termo “casal” fica subentendido a sua referência ao conjugal e ao matrimonial, e é considerado tradicionalmente como a origem da família do ponto de vista evolutivo e convencional. Mas, psicanaliticamente poder-se-ia pensar que o casal se desprende da família, de onde se originam seus modelos, levando em conta o desejo dos diferentes egos de uma família, de perpetuar-se no tempo, através da transmissão do desejo de ter filhos.

Meler (2010) fala de formas de casamento: no casamento tradicional, o “poder” e o “domínio” estão representados no homem e a mulher fica submetida, ocupando um papel secundário. A esposa pode até trabalhar fora, mas não com objetivo de prover a casa e a família; seu trabalho serve apenas como uma renda complementar⁴. Sua “sexualidade” sofre a insubordinação masculina (?), mas não da mesma forma que na esfera financeira (?). Além disso, há uma sobrecarga no desempenho das funções femininas. O papel masculino na criação dos filhos é secundário.

⁴ Resultado encontrado nas pesquisas antropológicas nos casamentos tradicionais no Brasil.

Nas uniões contra culturais, o “domínio” e o “poder” sofrem com a inversão dos papéis. A mulher é a principal provedora e o aporte financeiro complementar fica a cargo do homem. A sexualidade sofre interferências, pois a expectativa erótica de ambos é de uma cultura de casal tradicional (características de caráter individual os impedem de vivenciar e exercer essa demanda tradicional sócio-cultural). Nestes tipos de relacionamento, o homem tem uma função mais participativa na criação dos filhos.

E, por último, os casais inovadores, onde a paridade se torna o objetivo da dupla. O “domínio” e o “poder” é um projeto igualitário e a sexualidade se cultiva através do diálogo e do consenso. No cuidado dos filhos, a divisão de tarefas e o diálogo estão presentes e contribuem para a intersubjetividade familiar.

Para Meler (2010), em seu artigo “*Sexualidade, Amor e Poder*”, a chave para a compreensão dos conflitos de casal está nas transformações culturais e sociais. Essas transformações incidem de forma negativa na intimidade (sexualidade) dos casais, principalmente os tradicionais. Uma curiosidade, segundo esta autora: os casais contra culturais são os que mais buscam psicoterapia vincular.

Mas o que é uma relação?

A constituição de um casal está relacionada com a “autoestima” de ambos e, em grande parte, ao reconhecimento do outro. A autoestima se eleva com o reconhecimento positivo e diminui com o rechaço e o desprezo. A influência que o outro terá na autoestima de um depende da importância que cada um dá ao casal como instituição. A cultura considera que o mais importante em um casal, se limitarmos o casal nuclear da família, é o amor. O amor como frenesi de cura de todos os males que possam existir. Algo que não defendo. Penso em outros conceitos atrelados ao amor, como respeito e admiração mútua que um demonstra pelo outro e que sustenta o vínculo, e isso se equipara ao amor defendido pela cultura, onde se reconhece o outro (objeto) pela sua alteridade e subjetividade.

Badiou (2000) defende que: “uma relação deve ser uma relação real entre dois termos. Se estes termos são realmente diferentes, a relação deve conter esta diferença. Uma relação real entre termos diferentes deve mostrar esta diferença. Se supirmos a

Artigos

diferença, a relação já não é uma relação real” (p 71). Quer dizer que uma relação entre homem e mulher indica uma diferença e que não é simétrica.

Berenstein e Puget (1994) ampliam o conceito de relação amorosa, “que se configura em um contexto compartilhado, no qual existe uma situação recíproca de ego desejante e objeto desejante, suscetível de ajudar na realização do desejo do outro. No enamoramento é reeditada a necessidade de um contexto único, no qual não existem diferenças. Posteriormente, as novas demandas, dadas pela cotidianidade, pela presença dos filhos, e outros acontecimentos rompem essa ilusão” (p 142).

Segundo Isidoro Berenstein (2007) o vincular se refere à produção de subjetividade e a subjetividade se faz com outros, entre outros. O vincular cria e marca um território, uma borda entre os sujeitos que os une e, ao mesmo tempo, os separa. É uma fronteira onde cada um dos territórios subjetivos se separa e se une. Nesta zona se situa o alheio.

Recorro uma vez mais a Badiou (2000) onde ele diz: “que uma história de amor é de difícil ajuste. Porque o amor se dobra sobre a função de unidade, se concebe como uma função de identificação e esquece a diferença. E, neste caso, a diferença vai voltar e voltar como patologia do amor. Pois bem, o amor se projeta na diferença, experimenta o mundo na diferença, e a unidade se perde de vista, e o amor se expõe à crise. No fundo, o amor é uma sucessão de contradições e dilatações. Por isso se faz bem representá-lo por um coração em diástole e sístole. Ou bem a expansão da diferença, ou melhor, da contração sobre um ponto comum. Digamos que a contração sobre um ponto comum é extremamente sexual” (p 77).

Discussão teórico-clínica

Moscona em seu “livro Infidelidade de casais” diz: sim, se é infiel a alguém, mas a quem? Por mais paradoxal que possa parecer, quando o tema da infidelidade é proposto, o teorizamos em um casal que nunca foi infiel sexualmente, mas que se traem de outras formas há bastante tempo.

Artigos

Isidoro Berenstein (2007), fala que: “tratar uma família ou um casal é ter vários sujeitos vinculados sob um suposto de que entre eles existe uma relação estável, com especificações inconscientes que lhes permite manter-se ligados durante um tempo prolongado, o que nos leva a considerar a quem ou a que consideramos como paciente” (p 43).

O casal, que denominei de José Silva e Maria Abdon Silva (Abdon nome bíblico que significa servo de Deus), é encaminhado para triagem na instituição pela terapeuta de seu filho mais velho, para iniciarem terapia de casal. Após um período curto de atendimento, a psicóloga e o casal apresentam divergências de horário e, como eles não queriam interromper o tratamento são, encaminhados para outro terapeuta vincular.

Neste meio tempo está sendo criado dentro do Instituto Contemporâneo um grupo. Os terapeutas (Ariane Severo, Andréia Ponsi, Marcelo Niedersberg e Rogério Tubino) estão organizados para estudar e escrever sobre psicanálise vincular utilizando a estrutura da instituição e de sua sala de espelho, com o objetivo de aprimoramento teórico e clínico.

Como estamos atendendo em um ambulatório de uma instituição de ensino, na triagem foi apresentado ao casal um termo de consentimento terapêutico que permite ao nosso grupo de estudos fazer uso do material clínico destes pacientes para supervisão, pesquisa e também para redação de trabalhos científicos.

José e Maria são encaminhados para um dos terapeutas integrantes do grupo, enquanto aos demais, na sala de espelhos, cabe observar, relatar e discutir o atendimento. Na primeira entrevista eles chegam trinta minutos atrasados. São apresentados aos componentes do grupo para depois se dirigirem à sala de espelho. José é bombeiro e está fardado, enquanto Maria, que é professora de séries iniciais, em uma escola religiosa adventista, está vestida adequadamente. São um casal relativamente jovem, que estão juntos há pelo menos quatorze anos, entre o período de namoro e o vínculo de aliança. Casaram-se há cerca de onze anos e ficaram três anos sem a presença de filhos. Período curto, segundo eles. O casal tem dois filhos, o mais velho

Artigos

que chamarei Mateus, com nove anos, e o caçula, que dei o nome de Lucas, com três anos.

Contam que, antes de casarem e até a chegada do primeiro filho, o relacionamento ia bem. **Sic:** “Bastou à chegada de Mateus para o casamento começar a degradingolar”. Desde então relatam constantes brigas e falam também das diferenças existentes entre os dois, que não são bem aceitas e muito menos trabalhadas, demonstrando um enorme descompasso entre o casal.

Vinheta:

José - “Eu sou um acidente de percurso na vida dela”.

Maria - “Eu só não esperava uma coisa tão frustrante como ele é”.

Em relação ao casal, o sentimento de traição se inicia justamente com a chegada dos filhos e com a perda deste estágio ulterior e único de uma relação dual sexualizada em que deixam (esquecem) de ser um casal para se tornar uma família.

Maria tem uma mãe que participa muito da rotina da família. José, por sua vez, não confia muito em sua própria mãe, mas se necessário, deixa os meninos com ela. Devido à ligação infantil que o casal tem com seus próprios pais, a impressão é de que Maria e José exercem o papel de “filhos”, esvaziando o aspecto genital e maduro do vínculo de aliança. Eles parecem manter a complementaridade: marido “desvitalizado e impotente” e mulher “dependente”, pois suas famílias nucleares os colocam neste papel e eles acatam. Parecem ter dificuldades para criar códigos próprios.

Vinheta:

Maria – “Tem uma coisa que não entendi. Essa história de que não casamos”.

José – “Eu queria entender isso aí. Como assim a gente não casou? Não idealizamos nossas famílias, mas de repente a gente não se acertou”.

Terapeuta – “A idealização faz sentido para vocês”?

José – “Para mim o ideal de família era como a dos meus pais, mas sem as brigas. Meu pai era um mulherengo, mas fora isso ele fazia comidas diferentes, brincadeiras legais. A mãe era bastante organizada. Nós sentávamos à mesa. Lá em casa tem uma

Artigos

sala de jantar, a sala que não podemos usar para não estragar. A da Maria, ela já falou aqui, é de uma família de pastor”.

Maria – “Não sei, mas eu me sinto mais realista com as coisas. Eu não acho a família dele tão boa para ele se espelhar. Eu estava no internato e rezava para pedir o que eu queria. Eu sabia que seria o José, que ele tinha os defeitos dele e não iria mudar. Eu gostaria que ele fosse vaidoso, mas ele é desleixado, se desorganiza financeiramente. Eu sempre digo que o peixe morre pela boca. Ele adora dizer que casei para descarregar a raiva do meu pai nele”.

A família é um conjunto de pessoas ligadas por determinados laços de parentesco em virtude de alguma relação consanguínea real ou atribuída. Alguns dos muitos motivos das frequentes discussões e brigas que este casal tem, são seus modelos familiares, ou o não conseguir se desprender destes modelos para criar, então, o seu. Por isso, vivem em permanente desacordo. Circula o desprezo, a crítica. Um corrige o outro o tempo inteiro. Tentam impor uma única semantização e, para tanto, atacam o outro. Há uma sensação de frustração permanente. Mensagens contraditórias, enlouquecedoras. Muita dificuldade de escutarem um ao outro porque isso envolveria reconhecer a diferença ou autonomia do outro. Não existem acordos. O que este casal faz é criar uma zona não compartilhada que é utilizada para se acusarem. Compartilhar é persecutório. Produzem um mal-estar contínuo.

Diz Nasio (2013), repetir é sempre repetir o gozo. Aqui também podemos pensar em uma repetição, que o mesmo autor define como a exteriorização compulsiva do foracluído e do recalçado sob a forma de um distúrbio, em geral penoso, vivido por um sujeito que, sem saber, atua sobre o seu passado no lugar de rememorar-lo.

Segue Nasio: em Freud, o termo “repetição” condensa três ideias: o objeto repetido é uma emoção inconsciente irreduzível – gozo – enquistada em uma fantasia; esse gozo fantasístico tende irresistivelmente a manifestar-se, e a manifestar-se de modo incessante; tendo conseguido exteriorizar-se, ele se cristaliza numa necessidade imperiosa de reproduzir a provação traumática num sintoma recorrente, num comportamento de fracasso repetitivo, num comportamento dependente ou numa passagem ao ato perigosa. Repetir é sempre repetir o gozo (Nasio, 2013, p. 60-63).

Vinheta:

José - “Passei a semana inteira no trabalho, então não foi conflitante”.

Maria - “É não teve nada”.

Terapeuta - “Já houve muito trabalho e muito conflito”.

José – “Estávamos acostumados e não sentíamos. Meu pai fugia no trabalho, ele não ficava em casa. Estou começando a entender meu pai. Eu espero um elogio, o que me deixa chateado é isso. Não tem uma palavra afetiva”.

Maria – “Tu estás te espelhando no teu pai. Só falta a traição. Está cheio de mulher à tua volta”.

Terapeuta – “O que vem primeiro, o rótulo ou como funciona”?

José – “Ela é debochada (imita a mulher)”.

Maria – “Tu é que chegou dizendo que é igual ao teu pai”.

José – “Ela vive dizendo: tu és igual ao teu pai, só falta ser galinha. Quando brigamos eu sinto que estou repetindo. Eu não sinto prazer em ir para casa, apesar dos filhos. Ela acha que o fruto nunca cai longe do pé”.

Eles não se desvincularam das famílias de origem, não conseguindo formar a própria. Criando dificuldades para aceitar e lidar com as diferenças. Lidam com estas diferenças brigando muito e não fazendo acordos ou repactuando para que possam viver bem. Vivem na fantasia, na idealização, na expectativa de um casamento perfeito, ou de um modelo ideal de casamento, esquecendo que o casamento se vive no dia a dia.

Vinheta:

José – “Eu nasci e me criei para ser militar. Não fui para a academia militar e me arrependi. Pude retornar através dos bombeiros. A minha ideia de família não é um sonho. É o que eu vi na casa dos meus pais. Ela não, ela idealizou um molde que é o livro do lar adventista. Eu idealizava uma profissão e sempre achei que família era uma consequência. Eu não tive um livro da família Abdon, eu sigo o que eu conheço”.

Terapeuta – “Vou usar as famílias Abdon e a Silva. Cada um segue um modelo”.

José – “Não sei, ela foi formatada para seguir o livro adventista da família Abdon e eu o da família Silva”.

A fantasia de traição seria uma saída de um funcionamento familiar endogâmico para o exogâmico. Formar algo próprio seria trair as famílias de origem, por isso não se desvinculam. O vínculo deste casal se constitui com uma mulher e um marido que não ocupam de forma linear seus respectivos lugares e posições na estrutura. Eles, Maria e José, ocupam posições iguais onde não se estabelecem as diferenças, querendo funcionar da mesma forma, exemplo: se ela pode eu posso, se ele faz eu faço. Não existe a diferença geracional e isso é uma característica da religião que seguem e praticam, onde todos são irmãos, a lei não é do pai (Nome do Pai) e sim a de Deus (Grande Outro), na qual se identificam. Pertecem a um secto religioso, que autoriza a essa não diferenciação, onde todos são irmãos, todos são iguais, fazem parte da mesma família, e se desvincular deste funcionamento é de certa forma se tornar infieis.

Vinheta:

José - “Continuamos brigando na frente dos guris, mas falamos de outros assuntos, como finanças. Eu já consigo expor mais o orçamento e a Maria se dispõe a não gastar tanto. Nesse aspecto a gente casa muito bem. Nós dois somos consumistas”.

Maria - “Gastamos igual”.

José - “Ela comprou uma aliança de duzentos reais e eu fiquei com um crédito de duzentos”.

O casal apresenta um modo de funcionamento vincular onde um controla o outro e se alternam nestes papéis em diferentes momentos. Cada ego está conectado principalmente com seu objeto imaginário o que caracteriza um funcionamento predominantemente narcisista.

Compartem uma característica, tentam constituir uma dinâmica de submeter um ao outro, o exercício é o do poder, quem pode mais, ou que anula o outro como interlocutor autônomo como forma de colocá-lo em uma situação de dominação e menos valia.

O oposto de como Moscona (2007) pensa um relacionamento, “onde em uma relação de confiança cada um deposita e espera algo do outro, afetos, sentimentos, ideais e projetos. Talvez se trate de uma esperança que possibilite a construção do laço

Artigos

amoroso. Confiar no outro é um conceito que pode ligar-se ao diálogo compartilhado” (p 27).

Vinheta:

José – “Não me parece um relacionamento neurótico. Não gosto disto assim agressivo, vejo como o casamento dos meus pais, insuportável. Agressividade, machucar o outro, ter prazer em ver o outro por baixo, é tudo menos uma família e faz um ano que estamos aqui nesta história e não evoluiu... Na última sessão tu disse que gostamos disto, até tu concorda”.

Terapeuta – Quero fazer uma alusão a tua clareza de pensamento. Este ano tu vens pensando e construindo uma ideia de separação. E tu, Maria?

Maria – “Eu acho que se ele quer se separar, vamos nos separar.

Terapeuta - Não é uma surpresa?

Maria – “Por quê? Quando se fala demais e não se toma atitude, é para parar de falar. Quando eu disse que era para ele ir embora e ele não foi, eu estava decidida mesmo, mas ele não foi. Eu não vejo muita mudança no José, ele só reclama, reclama e reclama, mas não muda”.

No caso de José e Maria a idealização e o ideal inviabilizam a relação, os tornando destrutivos, o outro é visto como inimigo, um depósito de resíduos onde se coloca todo o lixo. O funcionamento onipotente mostra toda a vulnerabilidade narcisista, e isso impossibilita uma interação construtiva, como diz Spivacow (2011), “*não se pode aceitar que o outro é outro*” (p 183). Não existe a possibilidade de que o outro exista, de que mude; se tentar será desacreditado, desvalorizado.

Vinheta:

Maria – “Não sei por que ele fica tão brabo? Teve um desacordo, fui conversar com ele e ele me mandou ficar quieta e eu tentando conversar”.

José – “Ela não percebe quando ela é estúpida, me xinga na frente dos guris. Ah, o fulano esteve aqui em casa, é uma antiga paixão dela”.

Maria – “Tu sentiu ciúmes”?

José – “Tu vai engolindo, engolindo... E aí estava ou está apaixonada? Ou tu quer me enrolar e eu pareço idiota”?

Artigos

Maria - “Tu pareces idiota”.

As fantasias, incluindo a de infidelidade, são inerentes ao ser humano e estão relacionadas a desejos inconscientes que muitas vezes servem para esquentar um relacionamento ou a relação sexual do casal. Para José e Maria, o marido de aluguel (Julião) poderia servir desta forma, como um revitalizador da relação, porém serve para que a raiva e o ressentimento não resolvido da dupla inviabilizem a relação, fazendo com que a frustração tome conta do relacionamento, desvendando carências anteriores que desencadeiam essas atuações como que para deflagrar uma possível “falta de amor” que nunca poderá ser satisfeita. Também podemos pensar que a fantasia de infidelidade pode funcionar como um subterfúgio para que nada mude.

Vinheta:

José – “Meu filho estava junto lá com o Julião e saiu o chamando de pai”.

Maria – “Sim o filho dele estava lá e chamava-o de pai e ele chamou também e quando saiu me chamou de mãe... O Julião achava que o José estava em casa. Eu contei para ele, pois não vi nada demais. Tivemos que desmontar o roupeiro e o José chega as dez e vai dormir. Tudo bem, mas tinha um monte de coisas para fazer e fui e chamei ele (Julião). Cheguei em casa às 19 horas e ele com o beijo enorme, brabo, mas como eu ia desmontar o roupeiro sozinha? A sorte foi que o pai e a mãe vieram. Não ia chamar o Julião porque ele está na praia”.

José – “Cheguei atrasado no quartel, sai um pouco irritado de casa, mas o tudo aumentou quando soube da história do Julião”.

Terapeuta - Ficaste com ciúmes?

José – “Não fiquei com ciúmes, só não entendi porque o comentário não foi de cara”.

José – “Por que o Julião de todas as pessoas do mundo? O que me irrita é o Julião”.

Terapeuta - Tu fizeste de propósito?

Maria – “Sim, acho que foi. Isso é para ele ver que não é o único”.

José – “Viu? Eu tinha razão, ela queria me irritar”.

Artigos

A infidelidade se apresenta de diversas maneiras, produzindo distintos efeitos. Sua descoberta deixa marcas que geram estados de tensão vincular cujas consequências abarcam diferentes possibilidades, desde romper a relação a sustentá-la, pois, por vezes, o ser infiel está pactuado e aliançado de tal forma que dão uma ilusão de continuidade à relação. Por isso consideramos que cada situação de infidelidade é única e particular.

Vinheta:

Terapeuta – “E como tem sido o final da noite”?

José – “Facebook”.

Maria – “As crianças dormem”.

José – “Eu fiquei a semana inteira em casa. Dei atenção a ela e aos guris. Mas, existem contrapontos. Por exemplo, os fones que ela fala. Eu pego um documentário em vídeo e para não atrapalhar eu coloco os fones e vou para o meu mundo. Já ela, pega o computador e vai para o Facebook. Ela faz o mesmo no Facebook. Se ela está no computador eu tenho que respeitar, mas se eu estou, ela me tira do meu mundinho”.

Terapeuta – “Quanto desencontro vocês dois!”

A posição do analista é de estar sempre atento as produções e formações do inconsciente, especialmente no que se refere às “novas” produções sociais. Toda nova tecnologia implica em transformações em um “novo” modo de se relacionar, o que facilita novas modalidades de estar em presença. O computador e o anonimato da internet funcionam como o(a) amante virtual, (virtual, proveniente do Latim “virtus” que significa uma força que tem virtude de produzir efeitos), que passa a ter na vida do casal uma presença “real”. Não se trata de uma telepresença, do produto que não puderam fantasiar ou imaginar. Mas, de um aliado da sexualidade onde as fantasias são permitidas e servem como uma forma de fuga ou de apimentar a relação.

Moscona (2007) fala que “hoje, os *e-mails*, *Messenger*, *Chats* e *Whats App* são cupidos pós-modernos que veiculam os amantes desejantes que navegam pela rede” (p 147).

Mas o que ficam fazendo na internet à noite? Ficam fugindo da vida de casal, pois ela os põe na difícil realidade do dia a dia. O outro real ou virtual, sempre é um desconhecido e resiste em ser anulado no seu alheio e em sua alteridade.

Considerações finais

Deus, Pastor ou Terapeuta... Religião ou Ciência? Alguém pode nos ajudar? Esse casal busca na terapia uma receita, ou a ajuda desesperada de um modelo identificatório que possa erradicar seu sofrimento e dar conta da falência que impregna esta relação. Para eles, a terapia deveria ser e servir como um livro de autoajuda. Neste sentido, o que melhor podemos fazer como profissionais é atuar como espelhos onde este casal se veja refletido. Como já dizia o poeta, o mais importante é a mensagem e não o mensageiro. José e Maria a todo instante buscam um mensageiro que os guie para um lugar que nem mesmo eles conhecem e não sabem como chegar.

Nesse contexto está nosso desafio enquanto grupo no tratamento deste casal. O trabalho mental entre as sessões, onde supervisionamos o caso de forma intensa, nos permite “facilitar” a condução do tratamento desta dupla e, ao mesmo tempo, sustentar a continuidade da função terapêutica.

O trabalho vincular com esse casal seria justamente fazer refletir sobre a diferença, sobre o alheio, sobre o que não conhecem do outro ou que conhecem e não gostam, ver o outro como ele é, sem idealizá-lo como eu quero. Seria torná-los fiéis (fidelidade) a um acordo contratual de continuidade desta relação, e isso não importa por quanto tempo. Mas, sustenta o estado amoroso e de respeito, onde a atração erótica junto com a ternura seguem sendo os componentes mais importantes do amor.

Porém, analisar pacientes que vivem sob a ótica do secto religioso é sempre um desafio complicado, pois algumas intervenções terapêuticas podem ser escutadas e entendidas como ataque a sua lógica cultural. Como ir contra a palavra da Igreja, do pastor e de Deus? Comportam-se como irmãos dentro desta lógica sectária, e não seguir a doutrina, romper com as famílias de origem, e formar sua família com suas próprias regras, é traição. É estar traindo tudo aquilo que foi idealizado e não alcançado. E, isso, fica potencializado quando relacionamos ao funcionamento deste par. Não toleram as diferenças e vivem em descompasso, na loucura da dupla mensagem que gera desconforto e que os afasta cada vez mais, refletindo no desenvolvimento dos seus filhos.

Artigos

Vou mais longe: o amor deste casal é o amor da mais pura impossibilidade. Onde a aposta no encontro com o alheio, o alheio do outro, se torna uma ameaça, e acaba por não suprir as demandas individuais de cada um. Os amores de natureza narcísica são assim: projetivos, especulares, idealizadores e individuais. O desejo do outro não existe, e o que rege esta relação é o pronome pessoal eu, não entrando o nós, o nosso. O amor não se pensa e vive sozinho, e sim a dois, dentro do paradoxo e da complexidade de uma relação.

De forma pessimista, não creio neste casal, apesar de terem buscado terapia para “aprender a ficar juntos”. E minha descrença se justifica pela toxidade da relação, pela falta de pactos, acordos e regras inconscientes que protegem um relacionamento. Por não existir um projeto compartilhado que tem o objetivo de criar um ambiente agradável para todos os membros familiares. Nesta relação só existe o sexo e não a sexualidade, pois o sexo é biológico (animal) e a sexualidade é fazer amor, a possibilidade de construir algo inédito e conjunto, e não produzem algo conjunto porque não se desejam. O desejo deles é um desejo fetichista, de um ideal e não de como realmente são.

Mas, mesmo assim, não se separam, pois vivem o conflito ”lei x desejo”. A lei religiosa, o que Deus uniu o homem não separa, e o desejo, a fantasia da entrada do terceiro. Em uma sessão, a mulher chegou a dizer que a única forma de se separarem seria se acontecesse algo muito grave. Como a infidelidade de fato (real)? Romperem para se manterem fiéis às famílias de origem? Devem seguir repetindo os modelos de relacionamento familiar, pois, se construírem algo inédito, será traição e, neste caso, a traição se apresenta como uma impossibilidade de se separar das famílias de origem?

Referências

Badiou, A.(2000). El amor como escena de la diferencia. *Conferencia dictada en la AAPPG*. Buenos Aires, Argentina.

Berenstein, I. (2007). *Del ser al hacer*. Buenos Aires, Argentina: Paidós.

Berenstein, I. & Puget, J.(1994). *Psicanálise do casal*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.

Artigos

- Dorneles, C. (2009). *A Amante ideal*. São Paulo, SP: Record.
- Goldberg, M. (2010). *Por que homens e mulheres traem?* Bestbolso: São Paulo, SP.
- Lomando, E., Mosmann, C., & Alves Neto, J.(2009). *Relações amorosas & Internet*. São Leopoldo, RS: Sinodal.
- Meler, I.(2010). *Sexualidade, Amor e Poder: chave para a análise dos conflitos de casal*. Buenos Aires, Argentina: Actualidad Psicologicas.
- Moscona, S. L.(2007). *Infidelidades em la pareja: amor, fantasmas, verdades y secretos*. Buenos Aires, Argentina: Lugar Editorial.
- Nasio, J. D. (2013). *Por que repetimos os mesmos erros?* Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Ferreira, A. B. H. (2004). *Mini Aurélio eletrônico versão 5.12 (7 ed., revist. e atualiz)* . Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira.
- Pachuk, C., Friedler R. (1998). *Diccionario de Psicoanálisis de las Configuraciones Vinculares*. Buenos Aires, Argentina: Del Candil.
- Severo, A.(2010). *Encontros e desencontros: a complexidade da vida a dois*. Porto Alegre, RS: Casa do Psicólogo.
- Spivacow, M. A. (2011). *La pareja em conflito: aportes psicoanalíticos*. Buenos Aires, Argentina: Paidós.
- Taicher, M.(2010). *Vivir en pareja: un desafío ao narcisismo*. Porto Alegre, RS: Casa do Psicólogo.
- Von Der Weid, O. (2004). *Perdoa-me por me traíres*. *Revista Habitus*.
- Zimmerman, D. E.(2010). *Os quatro vínculos: amor, ódio, conhecimento, reconhecimento na psicanálise e em nossas vidas*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Zimmerman, D. E. (2012). *Etimologia de termos psicanalíticos*. Porto Alegre, RS: Artmed.

Anexo:

Em Abril de 2012 formou-se um grupo com quatro terapeutas vinculares no Contemporâneo, Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade com o objetivo de aprofundar e conhecer o material teórico das convidadas da Jornada da Instituição daquele ano que eram a Silvia Gomel e Janine Puget.

Após um ano de estudos, o projeto se ampliou e o grupo passou então a atender na sala de espelho do ambulatório do CIPT. Um dos terapeutas iniciou o atendimento com

Artigos

um casal e os outros componentes se revezam entre observar e relatar as sessões. O trabalho passou de teórico a prático, com discussões após as sessões.

Desde o início havia muitas questões principalmente sobre a técnica. E a proposta com este trabalho é a de discutir um pouco sobre técnica vincular, mas principalmente relatar a experiência com este casal que está em tratamento há quase dois anos. O grupo tem um vasto material clínico para relatar, refletir e discutir. Sendo assim foi escolhido um assunto para se discutir teoricamente com o objetivo de instrumentalizar e promover uma melhor compreensão teórica clínica deste caso.